

Linear B, uma introdução

O período micênico possui dois tipos de fonte de natureza fundamentalmente diferente. São os vestígios arqueológicos, estudados desde o final do século XIX, e os documentos epigráficos em Linear B, decifrados em 1952. Aqui apresento a fonte epigráfica e, a título de introdução ao tema, discuto brevemente algumas características básicas do sistema de escrita em Linear B. São três os tipos de suporte: os tabletas em argila, os vasos com inscrições pintadas e os nódulos de argila.

Até o momento, o contexto arqueológico aponta que a escrita não era muito difundida no mundo micênico. Nenhum tablete foi encontrado em sítios menores, estando sempre associados aos centros administrativos. Desta maneira, parece seguro apoiar a tese de Chadwick, de que a escrita teria sido apenas uma ferramenta administrativa¹.

Os primeiros achados datam da escavação de Arthur Evans, em Cnossos, em 1900. O arqueólogo amador identificou duas formas distintas de escritas: uma pictográfica, que denominou Hieróglifos; e outra, com sinais em forma de traços, que chamou Linear. Mais tarde diferenciou duas variações desta última, que chamou de Linear A e Linear B. Até 1939 Cnossos foi o único centro a produzir exemplos da escrita, além de um punhado de vasos encontrados no continente.

A primeira trincheira de Carl Blegen no sítio de Pilos descobriu a sala de arquivos e centenas tabletas foram achados. Essa primeira temporada de escavação produziu 600 tabletas. Blegen confiou a Emmett L. Bennett Jr. a edição das inscrições. A primeira edição saiu em 1951² e uma segunda edição, com correções, em 1955. Também no ano de 1952 os primeiros tabletas de Micenas foram encontrados por Alan Wace, em edifícios fora das muralhas da cidadela. Em 1954 novos achados aumentaram o número de tabletas de Micenas para 50³. Com relação ao *corpus* de Cnossos, Myres, com auxílio de A. Kober e Bennet, publica *Scripta Minoan II* em 1952.

Os estudos para a decifração do Linear B iniciaram com a premissa, baseada nas ideias de Evans, de que se tratava de uma escrita minoica. A correlação imediata foi com duas escritas de Chipre:

¹ John Chadwick. *Linear B and Related Scripts*. Berkeley: University of California Press, 1997, p. 11.

² Emmett Bennett. *The Pylos Tablets, a preliminary transcription*. Princeton University Press, 1951.

³ Hoje são em torno de 70.

a cipro-minoica – datada da Idade do Bronze, encontrada em Enkomi, e que possui afinidades com o Linear A – e a escrita de Chipre – do período clássico, usada para escrever grego desde, pelo menos, o século VI a.C. Esta última relaciona-se ao Linear B, uma vez que sete sinais são iguais e outros possuem semelhanças⁴.

Muitos que tentaram decifrar o Linear B começaram atribuindo os valores da escrita cipriota aos sinais, ainda que os estudos mais básicos sobre escrita demonstrem que, para o mesmo sinal, possam ser atribuídos valores diferentes, em sistemas de escrita relacionados. A escrita cipriota possui uma marca, que é a frequência a sílaba final *-se* (para o final *-s* do grego), mas tal sílaba não aparece como sílaba final, com frequência, no Linear B. Tal demonstração reforçou a ideia, defendida por Evans e seus seguidores, de que a língua não poderia ser a grega. Com relação àquele momento, a teoria mais aceita é a que saqueadores micênicos teriam sequestrado escribas de Creta, o que justificaria que os reis micênicos mantivessem registros em escrita minoica (em um paralelo com os reis da Idade Média, mantendo documentos em latim). Uma teoria menos aceita era a de que a escrita seria micênica, mas os micênios não seriam gregos.

Entretanto, estes e outros estudos não produziram nenhum resultado na decifração da língua. Esta se fez sem nenhum auxílio de documentos bilíngues, ou de outros sistemas de escrita, e só foi bem sucedida quando o esforço deixou de ser equacionar o Linear B com outras línguas, como o etrusco, e o foco passou a ser a análise da escrita em si, observando atentamente suas estruturas internas.

Os estudos que caminharam neste sentido, dando base à decifração, foram as pesquisas de Alice Kober e E. Bennett. Kober, isolando os sufixos das palavras, construiu uma tabela com os chamados tripés: três variações finais para um mesmo radical. A partir dos cinco grupos de tripés, foi possível identificar que se tratava de uma língua declinada, com diferentes terminações para expressar formas gramaticais, e que havia uma marcação para o plural e distinção de gênero⁵.

Em 1950, Bennett estudou o sistema numérico do Linear A e B, já identificado por Evans como decimal, e reconheceu que, embora fossem muito semelhantes, não havia frações no B, que registra quantidades fracionadas em termos de unidades menores. O autor sugeriu que a divergência era resultante de uma diferença no sistema de medidas, o que implicaria numa diferença de língua⁶. Na época da publicação do seu artigo, Bennett e Michael Ventris já se correspondiam.

Coube ao jovem arquiteto a façanha de decifrar o Linear B. A identificação de que sinais isolados são ideogramas, e de que os demais sinais – que somam 89 – eram um número muito grande para ser um alfabeto, indicando, assim, uma escrita silábica era relativamente fácil. Os numerais, por sua vez, tinham sido tabulados por Evans, e baseiam-se em um sistema decimal. A estrutura do sistema métrico fora demonstrada por Bennett em 1950. A base dessa escrita telegráfica era que os sinais, nos tabletas, podem ser divididos em dois grupos: ideogramas, associados aos sinais numéricos e métricos, e os sinais silábicos. Alguns sinais silábicos podem ser utilizados como ideogramas.

A partir daí Ventris identificou três sinais que predominam no começo das palavras, mas também podem ser encontrados no meio das palavras: 08, 61 e 38. Tais sinais seriam, provavelmente,

4 John Chadwick. *The Decipherment of Linear B*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958, p. 20.

5 Alice Kober. "Evidence of inflection in the 'chariot' tablets from Knossos". *American Journal of Archaeology*, 49 (1945), pp. 143-151. Alice Kober. "Inflection in Linear Class B: Declension". *American Journal of Archaeology*, 50 (1946), pp. 82-103.

6 Emmett Bennett. "Fractional quantities in Minoan bookkeeping". *American Journal of Archaeology* 54 (1950), pp. 204-222.

vogais puras⁷. O sinal 78 era uma sílaba frequente no final das palavras, e Ventris deduziu que seria uma conjunção. A maior variação estava no final das palavras e Kobler já havia indicado que seriam declinações. Felizmente, no caso dos tabletes, a maior parte das palavras eram nomes (substantivos); sendo assim, as diferentes terminações se referem às declinações dos substantivos e, em alguns casos, a variação parece se relacionar com diferenciação de gênero. Com a ajuda da correlação dessas palavras com ideogramas para mulher e homem, foi possível identificar terminações que compartilhavam a mesma vogal, mas variavam a consoante.

Ventris, então, construiu sua primeira tabela, em janeiro de 1951. O arquiteto deduziu que a terceira categoria dos tripés de Kobler se referia a topônimos e, assumindo que topônimos são conservadores nas línguas, inferiu que um nome iniciado por vogal, algo que ocorreria com frequência nos tabletes, se referia ao porto de Cnossos, Amnisos. Deste modo, Ventris começou a decifração pela palavra: 08-73-30-12. Uma vez que 73 e 30 possuem a mesma vogal (coluna I da segunda tabela, datada de setembro de 1951), confirmou a hipótese de que a mesma vogal da sílaba posterior seria usada para a sílaba anterior, no caso em que a palavra contivesse uma consoante sem vogal.

Tal hipótese gerou os seguintes valores: 08 = **a**; 73 = **mi**; 30 = **ni** e 12 = **so**, o que confirmou que a vogal da coluna II era **o**. O outro nome muito comum nos tabletes era 70-52-12, que, agora, poderia ser decodificado como **.o-no-so**, o que definiu o valor **-ko** ao sinal 70. Uma terceira palavra dos tabletes era 69-53-23: **...i-so**, que Ventris decifrou como sendo Tulissos⁸.

Depois desses topônimos, o arquiteto voltou-se para as palavras 'meninos' e 'meninas' (70-42 e 70-54): **ko-wo** e **ko-wa**, e a palavra para total identificada por Bennett: 05-12 e 05-31: **to-so** e **to-sa**. Continuando neste trabalho, ele ficou admirado ao perceber que era indiscutível tratar-se de uma forma arcaica da língua grega. Lenta e gradualmente, o Linear B começou a falar, e a língua que ele falava era o grego.

⁷ John Chadwick. *The Decipherment of Linear B*, *op. cit.*, p. 52.

⁸ É interessante notar que os topônimos cretenses foram fundamentais para a decifração do Linear B.

LINEAR SCRIPT B SYLLABIC GRID (2ND STATE)

WORK NOTE 15

DIAGNOSIS OF CONSONANT AND VOWEL EQUATIONS
IN THE INFLEXIONAL MATERIAL FROM PYLOS:

ATHENS, 28 SEPT 51

THESE 51 SIGNS MAKE UP 90% OF ALL SIGN -
OCCURRENCES IN THE PYLOS SIGNGROUP INDEX.
APPENDED FIGURES GIVE EACH SIGN'S OVERALL
FREQUENCY PER MILLE IN THE PYLOS INDEX.

Impure ending, typical syllables before -& - in Case 2c & 3	"Pure" ending, typical nomi- natives of forms in Column 1	includes possible "accusatives"	Also, but less frequently, the nominatives of forms in Column 1	
THESE SIGNS DON'T OCCUR BEFORE -&-	THESE SIGNS OCCUR LESS COMMONLY OR NOT AT ALL BEFORE -&-			
MORE OFTEN FEMININE THAN MASCULINE?	'MORE OFTEN MASCULINE THAN FEMININE ?		MORE OFTEN FEMININE THAN MASCULINE ?	
NORMALLY FORM THE GENITIVE SINGULAR BY ADDING -&		NORMALLY FORM THE GENITIVE SINGULAR BY ADDING -&		
vowel 1	vowel 2	vowel 3	vowel 4	vowel 5

pure vowels?	30.3				37.2
a semi- vowel?				34.0	29.4
consonant	14.8	32.5	21.2	28.1	18.8
2	19.6	17.5			13.7
3		9.2		3.3	10.0
4	17.0	28.6			0.4
5	17.7	10.3		4.1	10.2
6	7.4	20.5		14.8	14.4
7	4.1	44.0			
8	6.1	6.1		13.3	15.2
9		33.1		32.3	2.4
10	22.2		34.2	3.5	2.2
11	31.2	33.8	34.4	8.3	0.7
12	17.0			37.7	24.0
13		9.4	14.2		
14	5.0				
15	12.6				

MICHAEL VENTRIS

Figura1. Tabela de Michael Ventris de outubro de 1952 (<https://linearbknossosmycenae.wordpress.com/2015/04/15/alan-turing-michael-ventris-a-comparison-of-their-handwriting/>)

Blegen utilizou a grade (figura 1) de Ventris, testando-a em um dos tabletas de Pilos (PY Ta 641), que possuía ideogramas de vasos. Logo na primeira linha percebeu que os valores fonéticos atribuídos pelo arquiteto aos sinais silábicos tornavam a leitura do tablete inteligível. A título de exemplo, reproduzo abaixo a primeira linha do tablete, a partir de sua transliteração, transcrição e tradução.



Figura 2. Tablete PY Ta 641 (http://www.classics.cam.ac.uk/images/headers/py-ta-641-1.png/image_view_fullscreen)

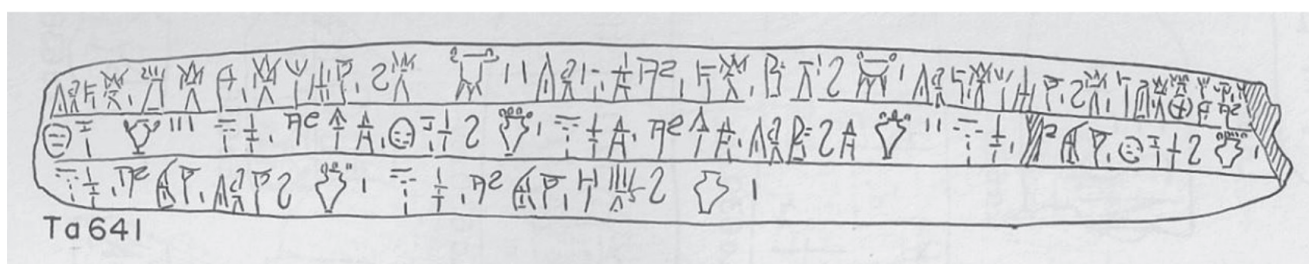


Figura 3. Tablete PY Ta 641 (<https://konosos.net/2013/12/21/the-decipherment-of-linear-b-py-ta-641/>)

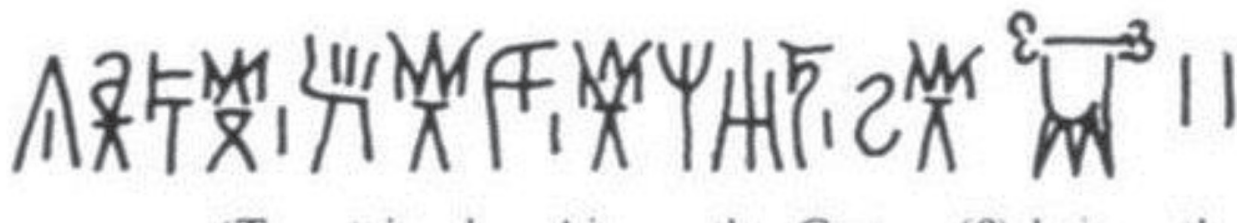


Figura 4. PY Ta 641 Detalhe da primeira sentença (<https://konosos.net/2013/12/21/the-decipherment-of-linear-b-py-ta-641/>)

Transliteração: ti-ri-po-de , ai-ke-u , ke-re-si-jo , we-ke *201VAS 2

Transcrição (grego micênico): τρίποδε Αἰγυς(;) Κρηζιο Φεργής IDEOGRAMA 2

Tradução⁹: Dois trípodas cretenses do tipo aikeu

Este tablete foi decisivo para a aceitação do grego como a língua do Linear B, e o exemplo, apresentado aqui, é a palavra trípole, associada ao ideograma de uma trípole. Os exemplos se repetem, ao longo do tablete, como a palavra **qe-to-ro-we** (τετρα + οὔς, literalmente quatro orelhas) para ideogramas de vasos com quatro alças, **ti-ri-jo-we** (τρι + οὔς) e o ideograma de um vaso com três

⁹ Há outras traduções propostas para este trecho. Apresentamos aqui a mais aceita.

alças e, **a-no-we** (α privativo + $\omicron\tilde{\nu}\varsigma$) juntamente com o ideograma de um vaso sem alças.

Ventris e Chadwick passaram a trabalhar juntos para estudar todos os documentos em Linear B conhecidos até então. O resultado dessa parceria é a publicação *Documents in Mycenaean Greek*, até hoje principal referência na área¹⁰.

Todos os documentos possuem uma padronização de nomenclatura, de acordo com o sítio em que foram encontrados. Estão também divididos em séries, que dizem respeito ao conteúdo do texto, ou a categoria do artefato. Abaixo, seguem tais denominações:

Sigla	Sítio (nome em português)
ARM	Arméni
DI	Dimini
EL	Elêusis
GL	Gla
HV	Hagios Basileios
IK	Iklania
KH	Cidônia
KR	Kreusis
KN	Cnossos
MA	Mália
MAM	Caverna Mameluco
MED	Medeion
MI	Midea
MY	Micenas
OL	Olímpia
OR	Orcômenos
PY	Pilos
TH	Tebas
TI	Tirinto

As séries foram estabelecidas antes da decifração, com base nos ideogramas e no pressuposto de que os mesmos indicariam o principal tema do tablete. As séries W e Z dizem respeito a outros suportes que não os tabletas.

Série	Conteúdo
A	Lista de mulheres e homens
B	Lista de homens
C	Rebanhos
D	Rebanhos de ovelhas
F	Azeite e perfumes

¹⁰ Michael Ventris e John Chadwick. *Documents in Mycenaean Greek*. Cambridge: Cambridge University Press, 1956.

K	Vasos
G	Condimentos (peso)
L	Tecidos
M	Lã
N	Quantidades pesadas / açafraão
O	Lingotes de metal / Lã
P	Ideograma *168, mercadoria não identificada
S	Carros / armas
R	Armamentos
U	Ideogramas obscuros
V	Miscelâneas

Série	Suporte
Wa-We	Discos
Wm-Wu	Nódulos
Z	Vasos

Os números *1 a *89 são reservados para os silabogramas, e os números de *100 a *258 representam ideogramas e/ou logogramas¹¹, e os pesos e medidas.

Os silabogramas podem ser divididos em básicos e secundários. Os básicos são sílabas simples compostas, ou de vogais puras, ou da combinação de consoante e vogal, sendo os sinais padrão da escrita. Os secundários são silabogramas mais específicos e complexos, utilizados para substituir os sinais básicos em alguns casos, mas seu uso não é compulsório.

Podemos dividir os silabogramas secundários em três categorias: 1. Os sinais duplos, como **a₂** e **a₃**. Sua principal característica é ter um valor fonético mais preciso e são usados para substituir apenas um silabograma básico. Enquanto o silabograma **a** pode ser lido como [a], [ai], [au] e [ha], **a₂** equivale apenas a [ha], e **a₃** a [ai]; 2. Os silabogramas complexos são utilizados para substituir dois silabogramas básicos e são compostos por duas consoantes e uma vogal. Desta maneira, **dwe** pode substituir **de-we**, e **pte** pode ser escrito no lugar de **pe-te** e assim por diante; 3. Os silabogramas como **ra₂**, **ra₃** e **ta₂**, considerados complexos, podendo substituir um ou dois silabogramas básicos. Neste caso **ra₂** pode vir no lugar de **ri-ja** ou de **ra**.

Duhoux denomina tais silabogramas de pseudocomplexos¹². Acredita-se que grande parte dos sinais ainda não decifrados pertence à categoria de silabogramas duplos, complexos ou pseudocomplexos. No Linear B uma vogal pode ser muda quando apenas a consoante é feita para ser lida, como em **ti-ri-po-de**, que deve ser lido trípode. A regra aqui é repetir a vogal do silabograma posterior.

Dentre os silabogramas do Linear B (Figura 4), 64 são provavelmente derivados de silabogramas

¹¹ Adotamos a distinção entre ideograma, que significa a representação de um objeto ou ideia, e logograma, que representa também uma sequência fônica. O Linear B possui ambos.

¹² Yves Duhoux. "Mycenaean Anthology". In: Y. Duhoux e A. Morpurgo-Davies. *A Companion to Linear B. Mycenaean Greek Texts and their World* (vol. 1). Louvain-la-Neuve: Peeters, 2008, pp. 243-393.

do Linear A, o sistema de escrita minoica, e 23 seriam criações originais, dentre os quais 14 são pouco frequentes. Entretanto, Bennet considera que não há consenso quanto ao número de signos do Linear A que foram adaptados para o Linear B, mas visualiza por volta de 75% como uma estimativa plausível¹³. É interessante notar que os novos sinais não apresentam um padrão aleatório, mas são usados com as vogais **o** e **e**, sugerindo uma diferença entre a língua do Linear A, com três vogais, e o grego, que possui cinco.

O Linear B parece ter mantido alguns signos cujo valor fonético não existe em grego, como ***22** e ***56**. Como tais signos aparecem, comumente, em antropônimos e topônimos, e a apropriação de nomes da língua do Linear A. Cerca de 80% dos 180 logogramas do Linear A, não continuam no Linear B, que possui um novo esquema de 140 logogramas básicos (Figura 5), mais as suas variações.

Embora o sistema numérico seja o mesmo do Linear A, ambos sendo decimais, o sistema de pesos e medidas é diferente. O Linear A possui 17 signos simples e 30 compostos, indicando frações, no Linear B, as medidas de líquidos e sólidos são escritas em três séries, usando um sistema de hierarquia; a maior unidade, depois quatro unidades menores para pesos, e três unidades para volumes líquidos e sólidos. Segundo Bennet, tal modificação parece ter sido feita para acomodar um sistema sexagesimal¹⁴.

¹³ John Bennet. "Now You See it; Now You Don't! The Disappearance of the Linear A Script on Crete". In: J. Baines, J. Bennet e S. Houston (eds.). *The Disappearance of Writing Systems*. Perspectives on Literacy and Communication. London: Equinox, 2008, pp. 1-29.

¹⁴ Idem.

01	𐎧	da	30	𐎶	mi	59	𐎧𐎺𐎠	ta
02	𐎧𐎺	ro	31	𐎶𐎶	sa	60	𐎧𐎺𐎠𐎵	ra
03	𐎧𐎺𐎠	pa	32	𐎶𐎶𐎶	qo	61	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶	o
04	𐎧𐎺𐎠𐎵	ie	33	𐎶𐎶𐎶𐎶	ra ₃	62	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶	pte
05	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶	to	34	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶		63	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶	
06	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶	na	35	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	jo	64	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶	ju
07	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶	di	36	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ti	65	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ta ₂
08	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶	a	37	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	e	66	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ki
09	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	se	38	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	pi	67	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ro ₂
10	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	u	39	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	twi	68	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	tu
11	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	po	40	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	si	69	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ko
12	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	so	41	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	too	70	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	dwe
13	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	me	42	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ai	71	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	pe
14	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	do	43	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ke	72	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	mi
15	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	mo	44	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	de	73	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ze
16	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	pa ₂	45	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	je	74	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	we
17	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	za	46	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶		75	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ra ₂
18	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶		47	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	mua	76	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ka
19	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶		48	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶		77	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	qe
20	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	zo	49	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	pu	78	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	zu
21	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	qi	50	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	du	79	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ma
22	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶		51	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	no	80	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ku
23	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	mu	52	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ri	81	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	
24	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ne	53	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	toa	82	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	
25	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	a ₂	54	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	nu	83	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	
26	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ru	55	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	pa ₃	84	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	
27	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	re	56	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	ja	85	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	
28	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	i	57	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	su	86	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	
29	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	pu ₂	58	𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶		87	𐎧𐎺𐎠𐎵𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶𐎶	

Figura 5. Linear B: silabogramas (<http://www.palaeolexicon.com/Linear%20B>)



Figura 6. Linear B: principais ideogramas (<http://www.omniglot.com/writing/linearb.htm>)

Segundo o mesmo autor, não há evidências do Linear B, antes do MR III A2, ou seja, 1370 a.C. É difícil precisar a data de criação do Linear B, mas devemos considerar que o documento mais antigo apresenta um sistema já estabelecido, tanto do ponto de vista paleográfico, quanto linguístico, indicando que sua elaboração é anterior.

O local de criação também é intrigante, dado que não há diferenças fundamentais entre os silabogramas encontrados nos documentos do continente grego e em Creta. Ao que tudo indica, o grego presente nos documentos em Linear B pertenceria ao proto-aqueu, baseado na proximidade de tal língua com os dialetos aqueus (arcádio e cipriota), do primeiro milênio a.C. Algo que parece atestar a formação de uma língua própria, na Grécia, a partir de um substrato indo-europeu ao qual foram acrescentados vocabulários e estruturas de línguas egeanas e semitas.

Dentre os mais de 5.500 documentos em Linear B, a maioria são tabletas. O que não é claro é se existia um nível superior de documentos (papiros e pergaminhos), como havia no sistema Linear A, embora muitos pesquisadores assumam que sim¹⁵.

Os tabletas de argila apresentam duas formas básicas. Uma é a página, que tem a altura maior que o comprimento, e outra é a folha de palmeira, em que as proporções se invertem, sendo o comprimento maior que a altura. Esta última comporta de uma a três linhas de escritura, enquanto que a primeira pode ter até 25 linhas.

Cnossos possui o maior acervo de tabletas, mas seu estado é mais fragmentário. São cerca de 4.300 peças, das quais 75% são incompletas e 56% possuem menos de cinco sinais ou símbolos.

¹⁵ Thomas G. Palaima "Archives' and 'Scribes' and Information Hierarchy in Mycenaean Greek Linear B Records". In: Maria Brosius (ed.). *Ancient Archives and Archival Traditions. Concepts of Record-Keeping in the Ancient World*. Oxford: Oxford University Press, 2003, pp. 153-194; Jan Driessen. "Le Palais de Cnossos au MR II-II: Combien de destructions?". In: Jan Driessen e Alexandre Farnoux (eds.). *La Crète Mycénienne*. Paris: De Boccard, 1997, pp. 113-134, contra John Bennet. "Agency and Bureaucracy: Thoughts on the Nature and Extent of Administration in Bronze Age Pylos". In: J. Killen e S. Voutsaki (eds.). *Economy and Politics in the Mycenaean Palatial State*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 2001, pp. 25-37.

Pilos aparece em segundo lugar, em número de tabletes, possuindo cerca de 1300, mas o estado geral de conservação é melhor – 50% estão completos – e o contexto de achado também é mais bem estabelecido, uma vez que grande parte pertence à sala dos arquivos. Ou seja, os tabletes foram encontrados em seu contexto de armazenagem, enquanto que os de Cnossos estavam dispersos, em várias áreas do edifício principal e em algumas áreas de descarte, no que chamamos de contexto secundário¹⁶. Ainda que se debata a data dos documentos de Pilos, é fato que constituem um arquivo homogêneo, pertencente ao mesmo período. O mesmo não pode ser afirmado a respeito do *corpus* de Cnossos, cujos tabletes podem pertencer a momentos distintos.

Os tabletes eram inscritos em argila crua e úmida, secos ao sol e armazenados em arquivos. Isso indica que eram arquivos temporários, cuja a vida útil seria, no máximo, de um ano. Isso pode sugerir, também, a existência de arquivos permanentes, em materiais perecíveis, que não chegaram até os dias atuais. Tal postulado nos remete à característica essencial de tais tabletes. Eles foram preservados porque foram cozidos em incêndios, que destruíram os edifícios nos quais estavam armazenados. Representam, portanto, informações circunscritas ao período de distúrbios do mundo micênico – exceção feita aos fragmentos descartados em Cnossos, que podem pertencer a períodos anteriores.

Uma vez que os tabletes secos ao sol são frágeis, é improvável que eles tenham sido produzidos em locais diferentes de seu contexto de achado. Fato que nos leva a crer que os tabletes pertençam a épocas diferentes, sendo, os mais antigos, provavelmente, os do grupo da denominada Sala dos Tabletes de Carruagem de Cnossos – associados ao incêndio do palácio datado de 1370 a.C – e os mais recentes, os de Pilos – datados da destruição do edifício, em 1200 a.C. Qualquer estudo sincrônico dos tabletes seria, portanto, ilusório e enganador

Os nódulos são pequenos pedaços de argila que possuem três faces, duas eventualmente escritas, e uma com impressão de selo. Eles provavelmente serviam como etiquetas em caixas com tabletes, ou selos em portas de depósito. Neste último caso funcionavam para o controle da retirada de bens que os pesquisadores acreditam que fossem padronizadas. A cada retirada de uma quantidade preestabelecida, o selo seria retirado e guardado e, ao final de um determinado período, os selos eram contados, contabilizando o total de mercadorias retiradas e, por fim, descartados.

Quanto aos vasos, são, em sua maioria, com alça em estribo, para transporte, com inscrições pintadas no ombro ou bojo, antes da queima (Figura 7). Tais inscrições podem ser constituídas de três palavras (antropônimo, topônimo, antropônimo), ou o que se acredita ser a versão simplificada, com apenas um antropônimo. Por vezes, restringem-se a apenas um símbolo, geralmente *-ka*.

Quanto ao contexto de uso de tais documentos, é preciso considerar algumas questões. Diferentemente dos tabletes, que eram, provavelmente, arquivos temporários e pertencentes a períodos distintos, os vasos foram cozidos, no momento de sua fabricação, e possuem um contexto cronológico restrito, datado entre 1320 e 1200 a.C. No entanto, nem o local de achado, nem a data atribuída, obtida no nível arqueológico da descoberta, podem ser considerados, *a priori*, como contexto primário.

Há em torno de 200 vasos desta categoria – 74 encontrados em Tebas e 54 em Tirinto. Entretanto, as análises da composição química da pasta cerâmica demonstraram que eles foram

¹⁶ Em Arqueologia, denomina-se contexto primário o contexto de produção e utilização primeira de determinado artefato, e contexto secundário o uso posterior e locais de deposição.

produzidos no oeste de Creta, na região de Cidônia, de onde são conhecidos 45 exemplares. Mesmo antes de tais análises, os especialistas já haviam apontado que grande parte dos topônimos se referia à porção ocidental da ilha. Van Alfen acredita que os vasos funcionavam como rótulos de lotes¹⁷.

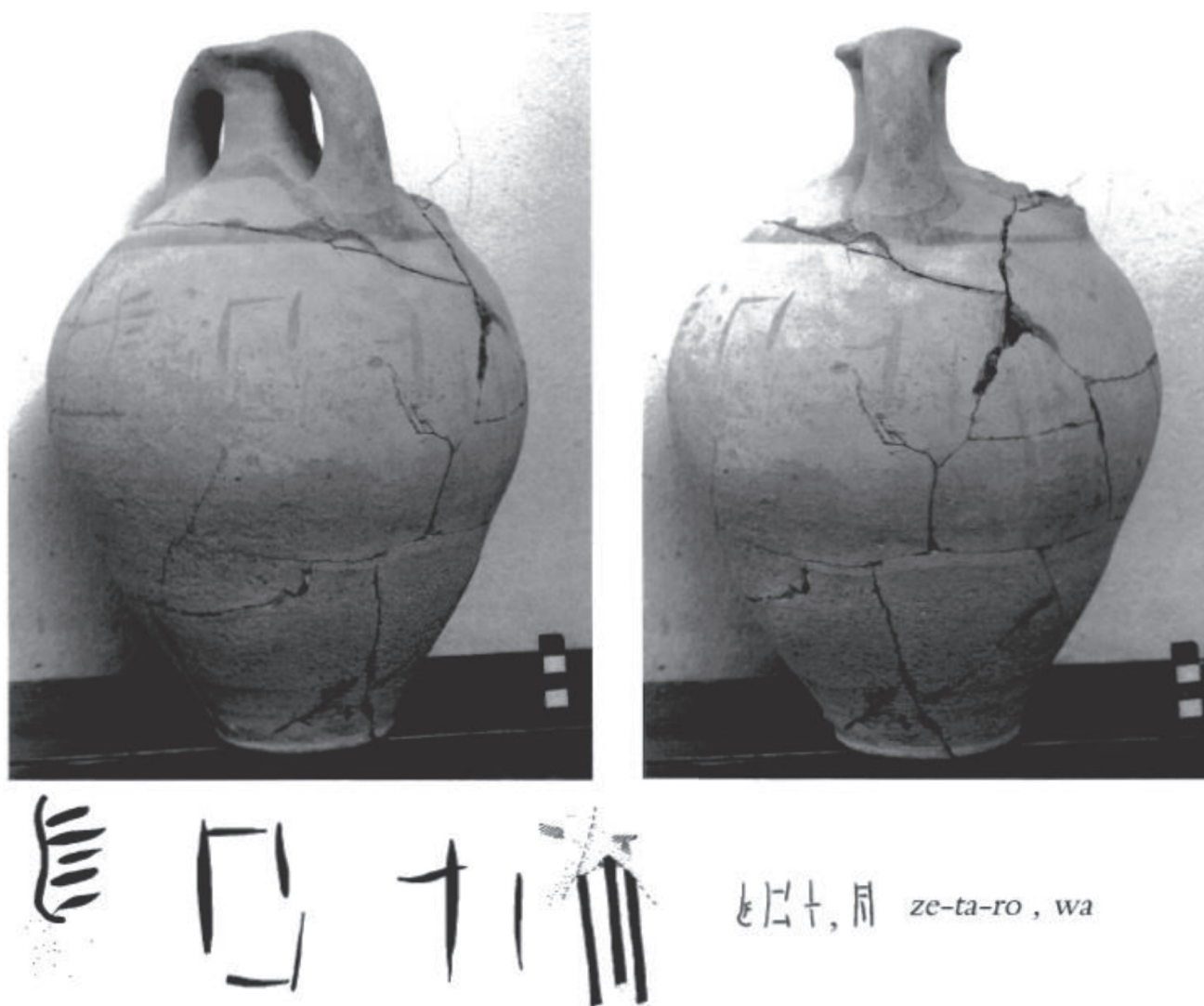


Figura 7. Vaso KH Z 43 com a inscrição **ze-ta-ro, wa** (Hallager, E., & Tzedakis, Y. (1983), *The Greek-Swedish Excavations at Kastelli, Khania 1980: The Linear B Inscriptions*, *Archaiologika analekta ex Athenon* 16, 58-73)

O Linear B caracteriza-se por seu uma escrita administrativa, limitada nos usos e suportes. Trata-se de um sistema altamente padronizado de contabilidade, no qual verbos de ação são raros, mas os substantivos e adjetivos abundantes. Estrutura-se, de maneira regular, a partir de uma palavra escrita com sinais silábicos, geralmente um nome próprio ou um topônimo, seguido de um ideograma que identifica uma mercadoria; este, por sua vez, seguido de numerais, ou sinais para pesos e medidas líquidas. Abaixo, reproduzimos um exemplo desse tipo de uso, o tablete KN De 1648.

¹⁷ Peter G. Van Alfen. "The Linear B Inscribed Stirrup Jars as Links in an Administrative Chain". *Minos*, 31-32 (1996-1997), pp. 251-274.

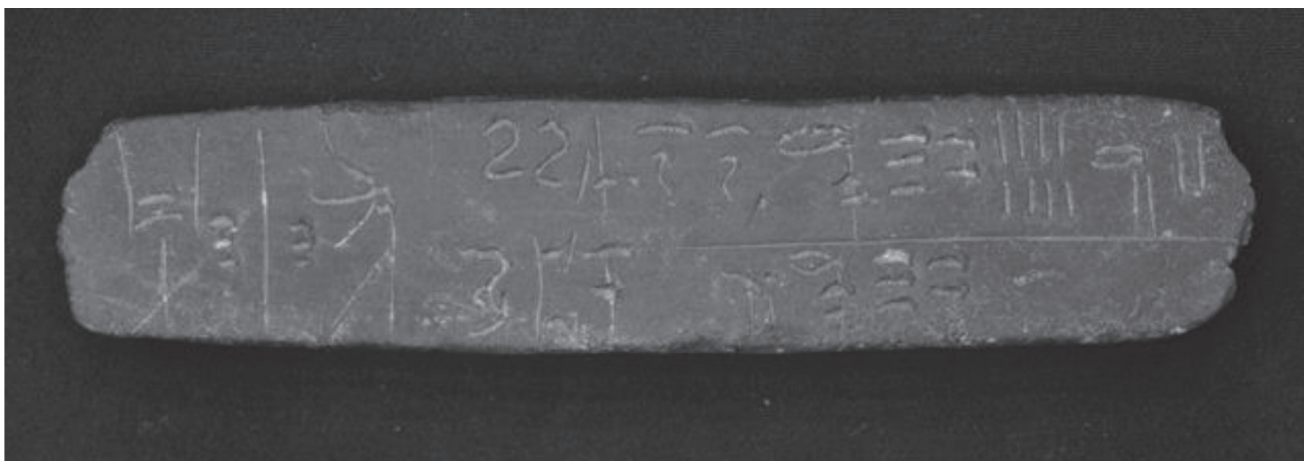


Figura 8. Tablete KN De 1648 (The Ashmolean Museum, Oxford [1938.850])

Transliteração: .A we-we-si-jo-jo , OVISm 58 OVISf 2
 .B a-te-mo , ku-ta-to o OVISm 50

We-we-si-jo-jo é a forma genitiva do antropônimo masculino we-we-si-jo. A-te-mo também é um antropônimo, provavelmente o nome grego *Ανθεμίων*. Ku-ta-to é um topônimo associado à região sul de Creta, na planície de Messara. A leitura do texto seria a seguinte: Antemos (cuida) em Kutato de 58 carneiros e 2 ovelhas (pertencentes a) Wewesios, e tem um deficit – indicado pelo sinal o – de 50 carneiros.

Em geral, os tabletes na forma de folha contêm apenas uma unidade de informação, enquanto, nos tabletes na forma de páginas, tais informações aparecem listadas e somadas. Dessa maneira, é seguro considerar que os primeiros são tabletes de coleta de informação primária, enquanto os últimos, de síntese e soma de tais informações. Tal fato pode ser comprovado na série E dos tabletes de Pilos. As informações dos tabletes dos grupos En e Ep correspondem à compilação dos dados dos tabletes alongados Eb e Eo.

É preciso ressaltar que as atividades econômicas registradas nos tabletes dizem respeito apenas aos setores da economia controlados pelos centros, não correspondendo a totalidade das atividades desenvolvidas pela população das áreas estudadas, durante a Idade do Bronze. A literacia, no Egeu, parece ter sido limitada, dado o fato de ser uma literacia técnica¹⁸. Constatação comprovada, até o presente, pelo uso do Linear B, bem como pelo seu contexto restrito de achado.

De acordo com os tabletes, as atividades econômicas relacionadas aos centros administrativos podem ser caracterizadas pela palavra micênica ta-ra-si-ja, que significa quantidade pesada e preparada para processamento (provavelmente do grego *talasia*, processamento de lã). O sistema *tarasija* fundamentava-se na coleta de matérias-primas pela autoridade central por meio de um sistema de impostos, e na sua distribuição, para trabalhadores dependentes ou semidependentes, que

¹⁸ Jan Driessen e Ilse Schoep. "The Architect and the Scribe. Political Implications of Architectural and Administrative Changes on MM II-LM IIIA Crete". In: R. Laffineur e W.-D. Niemeier. *Politeia: Society and State in the Aegean Bronze Age*. Proceedings of the 5th International Aegean Conference/ 5e Rencontre égéenne internationale, University of Heidelberg, Archäologisches Institut, 10-13 April 1994. *Aegeum*, 12 (1995), pp. 649-664 (aqui p. 659).

eram pagos em espécie.

Os centros administrativos controlavam, dessa maneira, a produção de algumas mercadorias específicas, cujo destino era o uso do próprio centro – como é o caso dos armamentos e carros de guerra – e que teriam um valor ligado ao *status* social, ou para exportação, no caso dos óleos perfumados, graças ao seu valor comercial.

Outro sistema que pode ser identificado, nos tabletas, é relacionado à palavra **o-no**, entendida, pela maioria dos estudiosos, como benefício¹⁹; uma forma de pagamento a trabalhadores independentes, pelo fornecimento de certos itens cuja produção não era controlada pelos centros, muito provavelmente, pela falta de interesse comercial ou social dos mesmos. Killen sugere que **o-no** tem a mesma raiz de *oininhmi* (micênico **o-na-to**, **o-na-te-re**), tendo como sentido básico benefício, incluindo benefícios concedidos aos denominados coletores, bem como pagos em retribuição a mercadorias e serviços. Seria o caso dos fabricantes de redes (**de-ku-tu-wo-ko**), que aparecem, nos tabletas **o-no**, mas não nos tabletas que pertencem ao sistema *tarasija*²⁰.

É interessante notar que os registros de transações associadas a benefícios constituem uma pequena parcela dos arquivos que, por sua vez, são dedicados ao sistema *tarasija*. Isso deve-se, muito provavelmente, ao fato de o sistema *ono* não pertencer à principal esfera de atuação dos centros administrativos, com seu registro não apresentando a importância do controle que se fazia necessário no sistema *tarasija*.

Figuras importantes, no sistema *tarasija*, são os chamados coletores. A referência a eles aparece, em fórmulas, nos registros de rebanhos de ovelhas da série Cn de Pilos e Da-Dg de Cnossos, e também nos vasos com inscrição. Seria o caso de **we-we-si-jo-jo** do tablete KN De 1648, usado como exemplo anteriormente. Há um caloroso debate a respeito da natureza social de tais indivíduos e as hipóteses vão desde serem meros funcionários, talvez os próprios escribas, passando pela ideia de serem proprietários e até mesmo membros da elite governante.

Os coletores se fazem presentes, sobretudo, nos tabletas de rebanhos e de trabalhadores e nos vasos com inscrição. Faz-se necessário apontar a ausência da menção aos coletores em atividades que não sejam a gerência de rebanhos, ou a coleta, distribuição e modificação dos produtos associados. Um coletor podia ter rebanhos em vários lugares.

Bennet acredita que tais documentos refletem o monitoramento de atividades por parte dos centros administrativos, e não registra as entregas para tais centros, ou a redistribuição, por parte dos mesmos²¹. Seriam formas de contabilizar os rebanhos e grupos de trabalho com *lã* e as estimativas ou metas para a produção de tais grupos. É importante notar que os coletores não parecem pertencer a um setor separado da economia, pois aparecem nos registros da administração central. Segundo os dados da série Da-Dg, contabilizados por Bennet, cerca de 30% da capacidade produtiva de Cnossos estava nas mãos de coletores.

19 Segundo Carlier (apud John Killen. "Some Further Thoughts on 'Collectors'". In: R. Laffineur e W.-D. Niemeier. *Politeia*, *op. cit.*, pp. 213-226 [aqui p. 226]) **o-no** significa de fato o que se recebe pelo que se dá e não tem o sentido de benefício das línguas modernas.

20 John Killen. "Some Further Thoughts on 'Collectors'", *op. cit.*, p. 219.

21 John Bennet. "'Collectors' or 'Owners'? In Examination of their Possible Functions within the Palatial Economy of LM III Crete". In: J.-P. Olivier (ed.). *Mykenaiika*. Actes du IXe Colloque international sur les textes mycéniens et égéens organisé par le Centre de l'Antiquité Grecque et Romaine de la Fondation Hellénique des Recherches Scientifiques et l'École française d'Athènes. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, suppl. XXV (1992), pp. 65-101 (aqui p. 73).

O autor observou, também, que as regiões com o maior número de coletores localizam-se distantes de Cnossos, e tais agentes se tornam mais frequentes, conforme nos afastamos do centro. Nas imediações de Cnossos, rebanhos de coletores são raros, provavelmente porque, nesta região, os rebanhos eram controlados pelo próprio centro²². Os dados mostram que **pa-i-to** congrega o maior número de coletores. O autor considera que deve se tratar de um centro de segunda ordem, que funcionaria como um nóculo de distribuição dos produtos, dos coletores para o centro.

Outro ramo de pesquisas, a partir dos documentos, diz respeito à organização administrativa de Creta. Todo o estudo das relações entre as regiões de Creta, para o período, se baseia nos grupos topográficos estabelecidos por Wilson, a partir dos registros dos tablets de Cnossos²³. A partir da organização geográfica do território é possível inferir sobre a estrutura administrativa baseada em Cnossos. O pressuposto fundamental é de que a proximidade, nos textos, representa uma proximidade geográfica. Abaixo, uma síntese destes grupos:

Grupo I, região de Festos (**pa-i-to**) e Messara: **da-wo**, **da-*22-to**²⁴, **e-ko-so**, **e-ra**, **ku-ta-to**.

Grupo II, situado, provavelmente, a leste do grupo III: **pu-na-so**, **ra-ja**, **ra-su-to**, **ra-to**, **ri-jo-no**, **tu-ni-ja**, **do-ti-ja**.

Grupo III, Tylissos (**tu-ri-so**), situado a 10 km a oeste de Cnossos: **a-ka**, **pu-so**, **qa-mo**, **qa-ra**, **ru-ki-to**, **su-ri-mo**, **ti-ri-to**, **u-ta-no**.

Grupo IV, região oeste, nos vasos com inscrição, são topônimos relacionados a Cidônia e Aptera: **o-du-ru-wo**, ***56-ko-we**, **si-ra-ro**, **wa-to**.

Grupo V, região de Cnossos (**ko-no-so**): **a-mi-ni-so**, **se-to-i-ja**.

Ao que tudo indica, Cnossos se relacionava com áreas fora de sua atuação a partir de centros de segunda ordem, seis dos quais já identificados. São eles, de leste para oeste: Amnisos, Tilissos, Festos, Aptera (na sua forma arcaica Aptarwa) e Cidônia. Dentre os ainda não identificados, podemos mencionar **se-to-i-ja**, **da-*22-to**, **ku-ta-to**. Os centros de segunda ordem seriam intermediários, através dos quais Cnossos se relacionaria com os sítios locais.

Os tablets permitem, também, a reflexão sobre as atividades controladas pelos centros, em especial por parte das indústrias. Neste sentido, podemos destacar uma indústria têxtil, baseada em lã, em Cnossos, e em linho, em Pilos; uma indústria de perfumes, também em Pilos, e de azeite, em Cidônia; e uma indústria de armamentos e carruagens, em Cnossos.

Nos textos, além dos nomes próprios, é possível distinguir alguns títulos, ainda que não se saiba, ao certo, seu significado. Dentre eles, podemos citar: **wa-na-ka** e **ra-wa-ke-ta**, nos centros, **e-qe-ta**, **qa-si-re-u** e **ko-re-te**, na esfera regional, e **we-re-we**, **a-wo-qe-ne**, na esfera local. **Wa-na-ka** é associado a áanax (ἄναξ) que, na Ilíada, designa o chefe. **La-wa-ke-ta** é entendido como a forma arcaica de λαγέτας, líder. ἐπέτας, que significa seguidores, seria a forma clássica de **e-qe-ta**. Finalmente, **qa-si-re-u** seria o basileu (βασιλεύς) homérico. A continuidade de tais títulos, no entanto, só nos é útil

²² Idem, p. 89.

²³ Anthony L. Wilson. "The Place-Names in the Linear B Tablets from Knossos: Some Preliminary Considerations". *Minos*, 16 (1977), pp. 67-125.

²⁴ **da-*22-to**, que provavelmente se situa no oeste, de acordo com a evidência das inscrições dos vasos, o que seria uma anomalia do Grupo I.

para confirmar que a língua registrada, no Linear B, era o grego, não se pode afirmar a continuidade do significado das palavras, em épocas e organizações sociais diferentes.

Outro estudo desenvolvido diz respeito à identificação das mãos de escribas, na mesma tradição de pesquisas desenvolvida por Beazley, no reconhecimento de pintores e oficinas, nos vasos áticos de figuras negras e vermelhas. Além de especular o número de escribas existentes em cada sítio, é possível, em alguns casos, identificar o trabalho conjunto, como a correção de alguns erros. Essas funções ficam evidenciadas por exemplo, no caso do escriba 1 de Pilos, redator da síntese, nas séries En e Ep, mencionadas acima, e que correspondem às informações redigidas pelo escriba 41, nos tabletas alongados Eo e Eb.

Dentro desta análise, é possível fazer uma reflexão sobre os status social do escriba. O fato de os chamados escribas terem elaborado poucos documentos faz Bennet defender que seriam administradores de alto escalão, dispensando muito tempo à supervisão das atividades²⁵. Sendo assim, eles seriam membros da elite e não subordinados. Administradores, e não escribas, no sentido estrito.

Outro dado que parece corroborar tal ideia, é o costume egeano de não aplicar o selo diretamente no tablete, para autenticar a informação registrada. A explicação para isso residiria no fato de que o próprio administrador responsável teria redigido o documento. O autor, então, faz um exercício na tentativa de nomear os escribas. No tablete Ta 711, o tablete introdutório da série Ta, **pu₂-ke-qí-ri**²⁶ (FugebriV) faz a inspeção dos equipamentos para um festival. Seria esse o nome não só do oficial que supervisiona tal atividade, mas também do escriba que escreveu tais notas como série Ta? Isso nos daria no nome do terceiro escriba mais produtivo de Pilos, o escriba 2, cujos registros incluem as taxações, débitos e pagamentos da série Ma e quase todas as distribuições de bronze da série Jn. Por associação, poderíamos identificar seu selo, se a impressão Wr 1475, aparentemente registrando um pagamento (**a-pu-do-si**) da *commodity* *152; um dos textos Ma, como tendo sido selado por ele.

A principal fonte para o estudo da Idade do Bronze, na Grécia são os documentos arqueológicos, que possuem uma história de pesquisas, desde o final do século XIX, com as escavações de Schliemann em Troia e em Micenas.

Os documentos escritos em Linear B trouxeram uma contribuição importante a partir da sua decifração, e não apenas nos permitem vislumbrar alguns aspectos das atividades econômicas e administrativas, e quiçá de determinadas relações sociais, como também ampliam o escopo temporal da história dos gregos. Eles possibilitam a reflexão a respeito das continuidades e rupturas e da reestruturação de uma nova forma de organização política e social após o colapso da civilização da Idade do Bronze.

O aspecto mais promissor de tais documentos, no entanto, é a possibilidade de diálogo com as fontes arqueológicas. Dado o caráter epigráfico do Linear B, a possibilidade de se fazer uma narrativa histórica é ilusória e perigosa. E essa é uma armadilha que a documentação arqueológica não estrutura, para os pesquisadores conscientes de suas limitações e potencialidades.

Dessa forma, o diálogo que pode ser estabelecido é um diálogo entre iguais, no qual as fontes materiais não corram o risco de ser subjugadas pela fonte escrita, servindo como mera ilustração ou confirmação. A riqueza dos estudos da Idade do Bronze, na Grécia, é a existência de fontes de natureza diferente e complementar, é a potencialidade de estreitamento entre a História e a Arqueologia.

²⁵ John Bennet. "Agency and Bureaucracy", *op. cit.*

²⁶ Trata-se de um hapax embora temos **pu₂-ke-qí-ri-ne-ja** em TH Of 27.3, provavelmente um adjetivo feminino.